

# CAMINHANDO A LUZ DO SOL

## Re-pensando o nordeste brasileiro com Câmara Cascudo e Josué de Castro



Vânia de Vasconcelos Gico<sup>1</sup>  
Alcides Leão Santos Júnior<sup>2</sup>

### RESUMO

Discute-se a diversidade cultural do nordeste brasileiro a partir da leitura das obras de Josué de Castro, *Geografia da fome* e *Luís da Câmara Cascudo, História da alimentação no Brasil*. Abordam-se as reflexões castrianas sobre a fome e o pensamento cascudiano sobre a alimentação como bifurcações que se complementam em um ciclo de pluralidade e diversidade na busca de uma unidade temática reflexiva.

**Palavras-chave:** Josué de Castro; Fome; Câmara Cascudo; Alimentação.

**WALKING UNDER THE SUN:** re-thinking the Brazilian northeast with Câmara Cascudo and Josué de Castro

### ABSTRACT

This paper aims to discuss about the cultural diversity of the Brazilian northeast from the reading of Josué de Castro – *Geografia da Fome* and Luís da Câmara Cascudo - *História da alimentação no Brasil*. They are an approach to Castro's reflections about hunger and Cascudo's thought about eating habits as bifurcations that complete each other in a cycle of plurality and diversity in the search for a reflexive thematic unity..

**Keywords:** Josué de Castro; Hunger; Câmara Cascudo; Eating Habits.

---

<sup>1</sup> Professora Doutora e Pesquisadora Associada do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN/Natal/RN. Professora Doutora e Pesquisadora da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte-FARN. Coordenadora da Base de Pesquisa: Envelhecimento e Sociedade. Coordenadora do Observatório BOA-VENTURA. E-mail: gico@digicom.br.

<sup>2</sup> Professor Ms. da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Faculdade de Enfermagem, Campus Avançado do Seridó. Pedagogo, Mestre em Ciências Sociais - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Natal/RN. Pesquisador da Base de Pesquisa: Cultura, Política e Educação. E-mail: alcidesleaojr@bol.com.br



## 1 INTRODUÇÃO

As reflexões que os espaços de aprendizagens propiciam podem nos conduzir à transformação do contexto social, no qual estamos inseridos. Contudo, hoje vivemos a “mundialização” que nos leva a crer que o meu quilombo já não é mais meu. É nosso quilombo. Somos pertencentes ao todo, confrontando nossas especificidades com as dos outros, formando um sistema complexo. Diante desse olhar sobre o mundo, é possível perceber que “nosso mundo” torna-se um espaço plural, multifacetado e multirreferencial para ler, compreender, analisar, agir e reagir, num movimento cíclico harmônico e desarmônico, diante das questões que ora se apresentam.

Fomos desafiados a construir um holograma, no qual a parte está no todo e o todo está na parte, como pensa Morin (2004), compondo um itinerário ainda não realizado, a partir da leitura de obras dos autores acima enunciados. Confessamos que já não mais nos espantamos com os caminhos que nos oferecem para seguir. Já não temos medo de caminhar porque não mais nos sentimos sós. Caminhar seguindo a luz do sol que evita o breu, que proporciona o amor e que também proporciona às retinas uma visão clara do que somos e do que queremos. Caminhar olhando para novos horizontes.

Somos sós com luz própria, mas que necessitam do outro para brilhar incessantemente. Vergani (1995), ao apresentar “Excrementos do Sol a Propósito de Diversidades Culturais”, salienta que a escolha desse título nasceu porque para os antigos povos mexicanos essa expressão designava *ouro*. Ora, se essa obra nasceu de uma curiosidade de Vergani, podemos então afirmar que a luz do sol a levou a outros horizontes. Ela percorreu a luz do seu sol, arqueologizando culturas e traçando seu itinerário, mas não só. Estava mergulhada em uma diversidade cultural que, em momento algum, esteve sob um eclipse solar. Pelo contrário, sempre às claras. Acreditando na existência de galáxias com muitos sós conhecidos e desconhecidos, a autora salienta que: “[...] as suas centelhas, tão incandescentes quanto perturbantes, poderão vivificar hoje o terreno humano onde se geram as referências do nosso pensar e os rumos do nosso querer, a renovação do nosso sentir ou dos nossos quotidianos modos de fazer”. (VERGANI, 1995, p. 7).

Sol e ouro, duas riquezas que reluzem aos olhos dos seres vivos. Que despertam a ganância, a cobiça e, ao mesmo tempo, a partilha. Riquezas antagônicas quanto a sua acessibilidade. Mas que projetam no “ser humano”, em especial, novas visões de mundo. Já diz a canção que “o sol nasce para todos”, e o dito popular afirma que “nem tudo que reluz é ouro”. Assim, somos levados a acreditar que o amor ao outro é a única luz que fornece o calor e a riqueza, e assim ficamos com a tarefa de “refletir sobre determinada questão e a pensar diferente do que se pensava”.

Clareando essa obrigação: devemos produzir uma conexão entre o que estamos vivendo e o que viveremos, ou seja, devemos produzir conexões entre diferentes conhecimentos que, ao longo da nossa existência, estamos acumulando. Como o sol ilumina por inteiro, os conhecimentos também formam um inteiro. Não se

conhece, não se (re)elabora conhecimento só olhando as partes, isoladamente. Como o sol que renasce a cada dia, o ato de aprender deve emanar novas reflexões e ações. “Se vejo e penso e nado no reflexo, é porque no outro extremo está o sol lançando seus raios. Só conta a origem do que é: algo que meu olhar não pode sustentar senão de forma atenuada como neste entardecer. Todo o resto é reflexo entre reflexos, inclusive eu”. (CALVINO, 1994, p.17).

Se somos reflexos do que queremos ser, somos um conjunto de situações que se interiorizam nos (re)construindo constantemente. Somos seres convergentes/divergentes. Somos o interior/exterior. É preciso nos olharmos. Voltarmo-nos para nós mesmos. Tentarmos nos aproximar do nosso sol que configura um ponto de uma cadeia que formará um conjunto de seres vivos. Somos seres híbridos porque nossa essência está no nosso interior que se exterioriza, e se conecta com outros, em um anel recursivo, como diria Morin (1999). É preciso se voltar para si mesmo, mas (re)voltar-se noutros mundos, “[...] dado que há um mundo do lado de cá e um mundo do lado de lá da janela, talvez o eu não seja mais que a própria janela através da qual o mundo contempla o mundo. Para contemplar-se a si mesmo o mundo tem necessidade dos olhos (e dos óculos) do senhor Palomar”. (CALVINO, 1994, p. 102).

Calvino recomenda a nos olharmos. A nos vermos. A nos enxergarmos. Somos filhos do cosmos, portanto, parte integrante desse universo multifacetado. É preciso decodificar os signos e significantes que nos movem. É preciso respeitar o olhar do outro. É preciso (com) viver com o olhar alheio. Mas jamais perder os seus olhos. Sendo assim, propomos modificar o foco dos olhos e nos enxergarmos. O olhar descreve situações e ações fantasiadas, vivenciadas e experimentadas. Nesta convergência/divergência, bifurcações que se realimentam em um ciclo de pluralidade e reflexividade busca-se uma unidade temática entre fome/fartura baseada no princípio da recursividade proposto por Morin (2003) entendido como aquele em que os produtos são significativos para compreender o processo, e os estados finais são necessários para compreensão dos estados iniciais. Numa face do holograma está o pensamento cascudiano sobre alimentação - olhar otimista em torno da sua diversidade e fartura, exaltando a riqueza da culinária brasileira - ; em outra face as reflexões castricianas sobre a fome – problema político, histórico e social de escassez de alimento.

## **2 RE-PENSANDO O NORDESTE BRASILEIRO**

Asa Branca de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira (1949), considerada o hino do Nordeste, é uma das mais belas canções para traduzir a lida diária de um povo que vive, sofre e consegue ser feliz. Um povo forte que não sacoleja as atrocidades e vive a esperança de dias melhores. Não mais esperando por Deus ou pelos homens. Apenas procurando viver ao seu jeito. O que mais caracteriza a região Nordeste são as situações complementares e antagônicas, como se fossem o movimento do sol, ao brilhar e escurecer, movimento recursivo, assemelhado ao fenômeno da fome, marcado pela ausência de alimentos, como pensa Josué de Castro, e a abundância deles, estudada por Câmara Cascudo.

A abundância estudada por Câmara Cascudo detém-se no registro dos sabores, textura, cor, prazer, tradição, motivo de comemoração e alegria da alimentação, e assim o escritor envereda-se pelos saberes da investigação etnográfica mapeando a alimentação no Brasil fazendo uma verdadeira arqueologia tanto dos alimentos como de suas formas de preparo, constituição histórica do povo brasileiro e sua composição cultural, tendo como referentes os mitos, hábitos e costumes da culinária portuguesa, africana e indígena, povos que participaram da formação etnológica do Brasil; assim justifica a tendência da cozinha nacional advindo de cada um desses povos, denotando sua responsabilidade social de pesquisador perante a sociedade de seu tempo ao delimitar elementos constitutivos de sua cultura, preservando os valores, sabores e saberes da tradição sociocultural: tempo-cronologia/ tempo-dimensão, como pensava Zila Mamede(1970), referindo-se aos escritos memoriais cascudianos.

Por sua vez a compreensão do Nordeste brasileiro, na sua imagética da fome, é abordada por Castro (2004) ao cartografar esse dilema no Brasil, mostrando as causas sociais, históricas e políticas que caracterizam o fenômeno da fome na região; nesse percurso, convida-nos, como o Senhor Palomar (CALVINO, 1994), para refletirmos, nós mesmos, as soluções para a fome na região.

[...] este nosso documentário geográfico da fome deve servir como instrumento de informação para todos aqueles que desejem formular uma política econômica para o Nordeste, capaz de libertá-lo dessas taras ancestrais - de sua fome e de sua miséria. Para isto cumpre-nos correlacionar agora os dois nordestes em suas *características* complementares e suas mutuas influências condicionadoras da sua resultante econômica: da sua realidade estrutural. (CASTRO, 2004, p. 242).

É perceptível que Castro fala de dois Nordeste: o açucareiro e o do sertão. Duas sub-regiões divididas em microrregiões com suas especificidades geográficas, geológicas, ecológicas, biológicas, culturais e sociais. Mas administrada por governantes quase sempre insensíveis, que procuram condenar a região à pobreza e à fome. Seja no governo municipal, estadual e federal, as políticas implementadas para amenizar o sofrimento dos nordestinos configuram um paliativo. Como se tivéssemos que colocar óculos escuros ou um chapéu para amenizar a queimadura do sol, desde os anos 40, do século XX, vimos a região distanciando-se do progresso industrial que vinha sendo intensificado nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. Com Castro, sustentamos a bandeira por uma política de equidade nacional, que nos faz questionar: Que caminho o Brasil seguirá se mantiver seu espelho narcisista voltado para as regiões Sul e Sudeste?

Ainda vivemos um desencanto político, moral, ético e ideológico com os dirigentes do nosso país, mesmo com um governo, dito de esquerda, conquistado pelas lutas políticas e sociais, após quarenta anos de um estado militar. Mas temos clareza que não queremos esmolas, como já dizia Luiz Gonzaga: "mas doutô uma esmola, a um homem qui é são ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão" (GONZAGA; DANTAS, 1953). Queremos trabalho, justiça social, solo irrigado, alimentação farta e

possibilidades de um melhor aproveitamento da riqueza do Nordeste brasileiro. Chega de políticas assistencialistas de frente de trabalho, de abertura de poços artesianos nas fazendas dos “poderosos locais”, de “fome zero”. Queremos políticas que transformem nossa “terra ardente” em campos de plantação. Nossa fome hoje é outra. Temos fome de desenvolvimento que respeito os seres vivos, de cultura, de conhecimento, de discernimento.

### 3 REFLETINDO SOBRE OS NOSSOS DESEJOS

Mas essas conquistas deverão estar situadas no campo da dialógica recursiva do pensamento complexo, como pensa Edgar Morin (2004); esse é o sinal para seguirmos o itinerário que nos sugeriram. Somos um conjunto de possibilidades. Somos nossas escolhas e como nos fala Cascudo: “Se a beleza para o sapo é a sapa, nem todos os grupos humanos terão a mesma percepção deliciada dos mesmos sabores, embora possuindo os mesmos órgãos e a mesma mecânica fisiológica”. (CASCUDO, 1983b, p, 427). Encontramos aqui a justificativa que desejávamos para religar as fronteiras entre Castro e Cascudo, estes dois notáveis Intérpretes do Brasil, nordestinos, que escolheram caminhos antagônicos/complementares para falar do Nordeste brasileiro. Comentando o pensamento cascudiano em seu livro “A História da Alimentação no Brasil”, Gico escreve:

Esta obra analisa os aspectos históricos, etnográficos, literários e sociais da alimentação no Brasil, baseando-se também nos resultados de viagens de estudos à África, feitos pelo autor, que discute a influência e a participação africana na culinária brasileira e desta na culinária africana. Não é a nutrição o seu ponto de interesse, mas a história da comida, dos seus elementos escolhidos para a suficiência orgânica [...] (GICO, 1998, p.5).

Por sua vez, Silva (2000), comentando a “Geografia da Fome” de Josué de Castro, acrescenta que após a publicação da obra, ele, nos anos 40 do século XX, ganha projeção nacional e internacional e que essa obra conduziu-o ao exílio no período da instalação da Ditadura Militar no Brasil, tendo em vista que falava de algo vivo, mas considerado um “tabu”. Muitos viviam e viam a fome dos nordestinos e como o problema não era deles, seria mais fácil fechar os olhos. Falar da fome significava mostrar o que ninguém vê: a sujeira guardada embaixo do tapete,

[...] ao denunciar o verdadeiro quadro de desigualdades sociais que marcava o Brasil da época, a partir do mapeamento da fome no país. O Mapa da Fome trouxe o país que não aparecia na propaganda oficial e mais, ao mapear a fome o autor revelava os seus nichos, suas raízes estruturais e os quadros sociais que dela derivam, bem como trazia uma contribuição para o estudo de nossa cultura alimentar. (SILVA, 2000, p. 77).

Ao seguirmos o itinerário intelectual destes dois notáveis escritores nacionais e de obras acessíveis aos olhos de Gico (2000) e de Silva (2000), não queremos parecer reducionistas, mas, ao contrário, desejamos religar fronteiras, pois tanto a alimentação cascudiana, quanto a fome castriana, são questões universais. Mas, como dissemos, nos assumimos mestiços e influenciados pelos raios solares que irradiam essas pesquisas e que nos permitiram seguir pistas para discutir a alimentação como uma questão política, sobretudo no Nordeste brasileiro.

Dessa forma, objetivamos discutir fragmentos dos pensamentos de Câmara Cascudo e de Josué de Castro a partir de um problema político, a alimentação, ou - a falta dela - a fome, que podem ancorar uma discussão também política, possibilitadora do desenvolvimento de uma consciência transformadora. Assim, dentre todas as calamidades do percurso histórico da humanidade, conviver com a fome é pôr em xeque o processo sociocultural em que nos encontramos. Das leituras que fizemos, podemos perceber que Castro trata a questão da fome como um fenômeno político-social que assola o Nordeste. Entendemos que em uma sociedade que se envaidece pela "igualdade, fraternidade e liberdade", alguém passar fome é um desrespeito à vida e à dignidade humana e, quando isso acontece, podemos afirmar que há um crime contra os seres vivos, contra o equilíbrio do universo.

Ao ser caracterizada enquanto crime, a fome pode se bifurcar em dois caminhos: um identificado como hediondo, e outro como uma secção do direito fundamental à vida. A alimentação é um direito reconhecido por lei. A carência de nutrição no organismo provoca efeitos lamentáveis, expressando-se através de problema mental, emocional e orgânico. Castro, assim descreve a fome:

A sensação de fome não é uma sensação contínua, mas um fenômeno intermitente com exacerbações e remissões periódicas. De início, a fome provoca uma excitação nervosa anormal, uma extrema irritabilidade e principalmente uma grande exalação dos sentidos, que se ascendem num ímpeto de sensibilidade, a serviço quase que exclusivo das atividades que conduzam à obtenção de alimentos e, portanto, à satisfação do instinto mortificador da fome. Destes sentidos, há um que se exalta ao extremo, alcançando uma acuidade sensorial incrível: é o sentido da visão. No faminto, enquanto tudo parece ir perecendo aos poucos em seu organismo, a visão cada vez mais se vai ascendendo, vivificando-se espasmodicamente. [...] Mais mortos do que vivos. Vivos, vivíssimos só no olhar. Pupilas do sol das secas. (CASTRO, 2004, p. 229).

Sendo médico e tendo convivido com a fome, Castro descreve uma das problemáticas da fome nos mostrando uma iconografia do cotidiano da vida no Nordeste, no seu caso no Recife – PE, sintetizando cenários da sociedade que vive e convive com a fome, mas vive. Na contramão, num outro ambiente do

cenário, Cascudo nos mostra um nordeste de uma culinária diversa e farta ao comentar: "A fome determina regresso nos recursos milenares da alimentação". (CASCUDO, 1983a, p. 71). Para ele, através da fome esquecemos a estética do prato, seu valor nutritivo e calórico e pensamos em apenas saciar essa necessidade orgânica.

Monta um banquete com todas as iguarias da riquíssima cozinha brasileira. A cozinha cascudiana é aquela presente no dia-a-dia de qualquer brasileiro, tendo em vista que ele sempre amou o cotidiano e não o excepcional.

Nesse caso, o excepcional, ao religar Cascudo e Castro, é a consciência que se revela quando, hoje, ao utilizarmos os recursos da tecnologia nos solos, nos rios, nos mares e nos oceanos, despoluindo-os para melhor aproveitá-los, ao tempo em que as terras devolutas e abandonadas devem ser (re) distribuídas, e que aos assentados sejam dadas condições de permanência. Caso não consigamos atingir esses objetivos, continuaremos a manter a indústria da fome, indústria esta que tem sido mantida por indivíduos que se utilizam dos prestígios para promover promessas ilusórias e eleitoreiras. Eis um caminho que precisamos superar.

#### **4 IN-CONCLUSÃO: NOVOS DESAFIOS E NOVOS OLHARES**

As reflexões propostas neste estudo sobre fome/fartura, considerando-as recursivamente convergentes/divergentes tiram a idéia de que a fome no Nordeste é uma questão de miséria crônica. Por sua vez, tratar da "Sociologia da Alimentação" cascudiana significa, para nós, o reconhecimento de que a temática não cairá no esquecimento e recai dentre as manifestações socioculturais, respaldando-se na história e na etnografia, como pensa Gico (2000). As bifurcações, que ora se visualizam, reforçam a fragmentação dos saberes e por extensão das consciências, dando à alimentação apenas um estatuto de consciência orgânica, deixando de lado o seu viés de consciência psicológica e social. Assim, somos privados e privamos o outro de uma consciência que conscientiza, conseqüentemente, de um saber que se sabe. Hoje é possível observar que as novas tecnologias, que planetarizam o mundo, podem ajudar a matar a fome dos que têm fome, mas quem tem acesso e manipula tais tecnologias? Então do que temos fome? Temos fome de quê?

Fome de conhecimento, de cultura, de conhecer outros planetas, o cosmos. Mas... conhecemos a terra, o nosso chão? Escutamos o grito da terra?, como diz Boff (1995). Fome de refletir e agir por dias melhores, de sociabilidade, de convivência, de pertencimento. Fome de ver o lugar que nos permitiu abrir os olhos e enxergar coisas que não demos sentido ao longo da vida. Janelas da alma que não se abriram ao mundo, parecendo que ficamos de olhos vendados como diz Novaes (1988). Fome de re-pensar o Nordeste brasileiro com Câmara Cascudo e Josué de Castro, caminhando à luz de uma grande comitiva de seres que se politizam e tomam consciência de que a fome é um problema histórico-político-social e que existe alimento em abundância para ser distribuído eqüitativamente entre os povos. Ao longo do caminho visualizam-se inclusive, dentre as

recursividades, as pesquisas dos autores, nas quais ambos procuram conhecer o homem através do contexto alimentar, dimensão interpretativa que passa pelo processo cultural, social e político; a alimentação sai do viés dietético nutricional e adquire um viés cultural e político, exibindo uma matriz formadora comum de estudo e Interpretação do Brasil. Enquanto Castro envereda pelas questões nutricionais da alimentação para encontrar a fome como problema político, Cascudo deambula pela tradição, observando hábitos e costumes alimentares para encontrar a construção sócio-histórica da cultura alimentar do povo brasileiro.

Mas a possibilidade de manter uma dúvida qualifica a conclusão de qualquer argumento. Dessa forma, indicamos um “argumento formal” do fazer ciência de Castro e Cascudo, como uma Ciência do Ser Vivo, como pensa Capra (1996). Uma ciência que não estabeleça uma verdade, mas que viva em busca de uma nova compreensão científica dos sistemas vivos, num caminhar repleto de possibilidades, no qual a todo momento seja possível cultivar auroras/esperanças e por-do-sol/energia. Fazer “Interpretações do Brasil” para compreendê-lo, ler os seus intérpretes para dar acesso à juventude universitária a outras conexões, além daquelas estabelecidas por um saber alienante. Fazer ciência é trazer à tona as tensões do cotidiano e foi Voltaire o precursor dessa visão ao transformar o cotidiano em vida científica. Nesse ir e vir, entendemos que é essa “vontade de saber” (Foucault, 1994) que procura movimentar o homem. Assim sendo, esse pêndulo poderá nos movimentar. Aqui, fomos movimentados a pensar e a refletir e até desafiados a compor uma cruzada contra o desconhecimento nos vários âmbitos do conhecimento. Pensamos que algumas etapas já foram cumpridas, mas ainda temos muito a caminhar; continuamos na luta porque acreditamos que é preciso sonhar. Na verdade, precisamos nos solidarizar uns com os outros. É preciso acreditar na nossa ação e aceitar nossas limitações, mas também nosso papel, nossas possibilidades de provocarmos uma emancipação social, embora precisemos conhecer nossa aldeia -‘Cascudo e Josué’-, antes de querer mudar o mundo, porque [...] “longe muitas léguas numa triste solidão, espero a chuva cair de novo pra mim vortá pro meu sertão [...], como afirmaria a Asa Branca” (Op. Cit.), embora Cascudo (1926) afirme: Não gosto de sertão verde:

Não gosto de sertão verde,  
Sertão de violeiro e de açude cheio,  
Sertão de rio descendo,  
|  
e  
n  
t  
o  
largo, limpo.  
Sertão de samebas na latada,  
harmônio, bailes e algodão,  
Sertão de cangica e de fogueira

- Capelinha de melão é de S. João,  
Sertão de poço da Ingazeira  
onde a piranha rosna feito cachorro  
e a tainha sobreia de negro nágua quieta, onde as moças se despem

d  
e  
v  
a  
g  
a  
r.

Prefiro o sertão vermelho, bruto, bravo,  
com o couro da terra furado pelos serrotes hirtos, altos, secos, hispídos  
e a terra é cinza poalhando um sol de cobre e uma luz oleosa e mole

e  
s  
c  
o  
r  
r  
e

como o óleo amarelo de lâmpada de igreja.

## REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Ecologia**: grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1995.

CALVINO, Ítalo: **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, © 1996.

CASCUDO, Luís da Câmara. Não gosto de sertão verde. **Terra Roxa e Outras Terras**, Rio de Janeiro, v.1, n.6, p.4, 1926.

CASCUDO, Luís da Câmara. Sociologia da alimentação, In: \_\_\_\_\_. **História da alimentação no Brasil**. São Paulo: Ed. Itatiaia, 1983b. v. 2, p. 395 – 460.

CASCUDO, Luís da Câmara. Todo trabalho do homem é para sua boca. In: \_\_\_\_\_. **História da alimentação no Brasil**. São Paulo: Ed. Itatiaia, 1983a. v. 1, p. 5 – 83

CASTRO Josué de. **Geografia da fome**: o dilema brasileiro: pão ou aço. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

DENORIO, Darcy França (Org.). **Melhores poemas de Cora Coralina**. São Paulo: Global, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade,1:** a vontade de saber. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água, 1994.

GICO, Vânia de Vasconcelos. Luís da Câmara Cascudo: apontamentos para introdução à leitura da sua obra. **O Galo** - Jornal Cultural da Fundação José Augusto, Natal, RN, v.10, n.10, p.3-5, 1998.

GICO, Vânia de Vasconcelos. Luís da Câmara Cascudo e o conhecimento da tradição. **CRONOS** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, Natal, RN, v.1, n.1, p. 55 – 72, jan./jun., 2000.

GONZAGA, Luiz; TEIXEIRA, Humberto. **Asa Branca**. Manaus: BMG, 1949. 1CD.

GONZAGA, Luiz; DANTAS, Zé . **Vozes da seca**. Manaus: BMG, 1953. 1CD.

MAMEDE, Zila. **Luís da Câmara Cascudo:** 50 anos de vida intelectual (1918-1968). Bibliografia anotada. Natal: Fundação José Augusto, 1970. 2v. em 3.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária:** o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

MORIN, Edgar. **O Método 3:** o conhecimento do conhecimento. 2. ed. Porto Alegre, RS: Sulina, 1999.

MORIN, Edgar. **O Método 4:** as idéias, hábitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre, RS: Sulina, 1998.

MORIN, Edgar. **Religando fronteiras**. Passo Fundo: UPF, 2004.

NOVAES, Adauto(Org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras ,1988.

SILVA, Tânia Elias Magno da. Imagens da fome e o itinerário intelectual de Josué de Castro. **CRONOS** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, Natal, RN, v.1, n.2, p.73-93,jul./dez., 2000.

VERGANI, Teresa. **Excrementos do sol a propósito de diversidades culturais**. Lisboa, Portugal: Pandora, 1995.

